

As fronteiras entre os campos do jornalismo e da literatura

Frontiers between the fields of Journalism and Literature

Marcio Acselrad¹

Aline Veras²

Resumo

Este trabalho discute algumas questões acerca das fronteiras que separam e aproximam o jornalismo da literatura. Ao longo dos anos, é certo que os dois gêneros estabeleceram relações de proximidade onde, em inúmeros momentos, se aliaram e se subsidiaram. As divergências começaram quando o jornalismo adquiriu um caráter de profissão autônoma e adotou fórmulas para as construções textuais, o que resultou em certa dispersão dos literatos das redações. Contudo, a convergência entre jornalismo e literatura jamais chegou a um final. Atualmente, os diários impressos enfrentam uma crise financeira que, segundo afirmam jornalistas e teóricos da comunicação, pode resultar no seu desaparecimento. Afirmarmos, com este texto, que o jornal precisa resgatar sua origem literária ou trazer com mais frequência, em suas páginas, recursos e técnicas provenientes da literatura para assim conquistar leitores e permanecer como fonte de informações para a sociedade.

Palavras-chave: Jornalismo literário. Jornalismo. Literatura.

Abstract

The present work aims to discuss some issues concerning the relationship between Journalism and Literature. Throughout the years the two genders established certain proximity where they formed alliances. Divergences began when journalism acquired the status of an autonomous profession and thus adopted formulas for the construction of its texts, which resulted in many writers quitting their jobs. However the convergence between Literature and Journalism never came to an end. Nowadays, the daily press faces challenges which may, according to many journalists and intellectuals result in its disappearance. This article states that journalism must restore its literary origin or at least bring to its pages more resources deriving from literature in order to acquire readers and remain a useful source of information for the society.

Keywords: Literary Journalism. Journalism. Literature.

¹ Professor doutor da Universidade de Fortaleza (UNIFOR) e do Centro Universitário Unichristus.

² Jornalista graduada pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR).
Contatos: macselrad@gmail.com; aline_veras@hotmail.com

Introdução

Quando jornalistas, escritores e teóricos literários começaram a discutir uma possível interação entre jornalismo e literatura, estabeleceu-se logo um campo minado onde alguns afirmaram que o jornalismo é uma atividade completamente diferente da literatura. Aquela, por deter características como objetividade, fórmulas a serem seguidas como receitas, discurso direto e tentativa de eliminar ao máximo as ambiguidades; esta, por sua liberdade de expressão e estilo, preocupação estética do texto, sonoridade das frases e ambiguidades. A literatura corre tal qual um rio caudaloso, diferentemente, ao que parece, do jornalismo, em que ali e acolá encontram-se pedrinhas que o impedem de correr livremente. Outros, no entanto, advertiram que as influências de modelos literários para a construção do discurso jornalístico são indiscutíveis, assim como temas, recursos, procedimentos e técnicas jornalísticas estão constantemente presentes nas criações literárias.

O objetivo e hipótese deste trabalho é mostrar o quanto a literatura pode ajudar o jornalismo a se manter no mercado como mais um veículo de comunicação e, principalmente, um meio para se conquistar mais leitores. O modelo atual dos jornais diários parece estar ultrapassado, já que tenta (sem sucesso) transmitir informações consideradas velhas para a população, que hoje dispõe de veículos imediatistas, como a televisão, o rádio e a internet. Os diários enfrentam uma crise financeira, e o principal motivo é a insistência do veículo em trazer, nas suas páginas, notícias que já são do conhecimento de pessoas. Não há, geralmente, novidades nem a contextualização e o aprofundamento para complementar o que já foi passado.

No presente texto, iremos traçar um breve histórico das relações entre os dois gêneros, exemplificando como se deu esse encontro e quais os principais nomes que fizeram parte dele, no Brasil e em outros países. Vamos levantar também as discussões acerca de algumas polêmicas que envolvem a contribuição e interação entre literatura e jornalismo, tentando responder a perguntas, como: a rotina diária nas redações pode matar a criatividade de um escritor? O trabalho jornalístico paga a arte literária? Quando uma atividade influencia a outra? Quais são os limites que separam as duas atividades? Por que a literatura é considerada uma atividade superior ao jornalismo? Jornalismo é um gênero literário?

Para nos ajudar nesse debate, traremos as ideias e opiniões de Cristiane Costa, Alceu Amoroso Lima, Antonio Olinto, Felipe Pena, Allan de Abreu,

Roberto Nicolato e outros teóricos. Alguns desses autores acreditam que o convívio entre jornalismo e literatura é fértil e até necessário para a sobrevivência dos jornais. Outros, no entanto, garantem que são atividades antagônicas: enquanto o jornalismo se detém ao circunstancial, a literatura encaminha-se para o essencial humano.

O jornalismo literário – ou uma literatura jornalística

Não são raros os casos de escritores que iniciaram carreira no jornalismo ou, vez por outra, colaboram nos impressos. Poderíamos citar inúmeros artistas da palavra nesta ou naquela situação. Jornalistas formados nas escolas de comunicação que se tornam escritores não são igualmente casos incomuns, ao contrário. Todo jornalista é um escritor em potencial e vice-versa. As duas atividades podem ter conceitos, características e fins distintos, mas o objeto de trabalho é o mesmo: a palavra.

No Brasil, durante o século XIX, quando a imprensa chegou ao país juntamente com a família real portuguesa, literatura e imprensa se confundiam. Lima Barreto, Euclides da Cunha, José de Alencar, Olavo Bilac, Machado de Assis e outros escritores da época tiveram seus primeiros textos publicados nos periódicos em que trabalhavam. Sodré (1999, p. 292) afirma que “os homens de letras buscavam encontrar no jornal o que não encontravam nos livros: notoriedade, em primeiro lugar; um pouco de dinheiro, se possível”. Sodré cita o jornalista, político, poeta e tradutor piauiense Félix Pacheco, que via a imprensa como o caminho natural que todo escritor deveria percorrer inicialmente e o jornalismo como um bom fator para a arte literária. Para ele, “toda a melhor literatura brasileira dos últimos trinta e cinco anos fez escala pela imprensa” (PACHECO *apud* SODRÉ, p. 292).

Além dos jornais periódicos, havia também os folhetins, nos quais os escritores encontraram outra maneira de publicar suas histórias. Segundo Pena (2008), o folhetim apareceu pela primeira vez no jornal francês *Journal des Débats*, durante os séculos XVIII e XIX, e não tinha a finalidade de publicar romances, pois inicialmente era um tipo de suplemento dedicado à crítica literária. Foi a partir de 1830 que as narrativas literárias começaram a ser publicadas nos jornais, pois proporcionavam um significativo aumento nas vendas e possibilitavam uma diminuição nos preços, o que aumentava o número de leitores. Por ser dirigido a um público vasto, a linguagem deveria ser simples e acessível.

Na Inglaterra, também podemos citar Charles Dickens e Walter Scott, que tiveram papel fundamental na literatura e na imprensa inglesa. Dickens, que viveu na rua durante sua infância, teria tirado seus personagens de sua própria experiência para retratar a “cinza”, suja e mísera Londres nos livros Seu engajamento na imprensa era tanto que ele fundaria o jornal diário *Daily News*.

Na França, Honoré de Balzac e Victor Hugo militaram ativamente na imprensa como polemistas, críticos e intelectuais engajados em causas sociais. Já Gustave Flaubert sentia orgulho de não ter se engajado na imprensa nem ter romances seus publicados nos jornais: “Considero uma das felicidades da minha vida não escrever nos jornais; isso prejudica a minha bolsa, mas faz bem a minha consciência”, disse o autor de *Madame Bovary*. Outro gigante das letras francesas, Alexandre Dumas, também teve um de seus maiores clássicos impresso nas páginas dos folhetins franceses, *Os três mosqueteiros* (PENA, 2008)

Émile Zola, autor de *Germinal* e *Naná*, foi modelo de escritor atuante no século XIX. No artigo “Um artista engajado”, Ricardo Lísias conta como, em um dos erros jurídicos mais famosos do mundo, Zola usou – em um jornal – toda a sua arte para defender Alfred Dreyfus

Nos Estados Unidos, antes e logo depois da Segunda Guerra Mundial, surgiram nomes que consolidaram a relação jornalismo-literatura nas redações ianques. John dos Passos (*Manhattan transfer*), Frances Scott Fitzgerald (*Seis contos da Era do Jazz*), Lilian Ross (*Filme*), John Steinbeck (*As vinhas da ira*) e Ernest Hemingway foram os principais nomes dessa fase que souberam identificar, caracterizar e expor o estado de espírito da chamada “geração perdida” dos anos 1920. Ainda nos Estados Unidos, mas décadas depois, nos anos 1960, aparecem Norman Mailer, John Hersey, Jimmy Breslin, Tom Wolfe, Gay Talese, Hunter S. Thompson e Truman Capote. Este, para alguns, é o patriarca do *New Journalism*, estilo que mistura métodos literários com descrições reais.

Jornalismo e literatura: simbiose ou antibiose?

Nos primeiros anos da imprensa moderna, os escritores eram os jornalistas, campos que convergiam, aparentemente se misturavam (ou eram tratados como uma coisa só) e conviviam harmoniosamente. Naquele tempo, não era necessário diploma para escrever no jornal. Qualquer pessoa que gostasse e tivesse um pouco (ou muito) de talento com as palavras conseguia um emprego

na imprensa. Com o passar dos anos, a atividade jornalística foi ganhando importância na sociedade e procurou seu reconhecimento como uma atividade autônoma e estável. Profissionais da comunicação afirmaram que o jornalismo seria uma ciência porque estaria sob a influência do pensamento racional, logo, o jornalista teria que assumir uma espécie de “espírito científico” na investigação e relato dos acontecimentos. Os literatos, amantes da desconstrução e da subjetividade, duas ideias que estavam sendo rejeitadas no fazer jornalístico, pularam fora do barco.

O jornalismo, geralmente, prima pela busca incessante da verdade, objetividade, imparcialidade, transparência e tentativa de apagar qualquer marca de subjetividade e autoria dos textos. Por achar que o leitor não tem tempo para ler um grande texto, os jornalistas tornaram-se “narradores de acontecimentos”. Os jornais são produzidos a partir de um estilo seco de transmissão de informações, com vocabulário medíocre, linguagem objetiva e homogeneização do público. É o grande “império dos fatos”. Firmou-se um pacto ético de credibilidade com o leitor. E a literatura? Também firmou um pacto, mas com a estética. Abriu-se definitivamente a divergência entre os campos.

Meneses (1997) afirma que não há uma demarcação rígida e nítida diferenciando o jornalismo da literatura. Mesmo assim, alguns teóricos traçaram pontos que distinguem um do outro. Geralmente, essas diferenças são identificadas com o intuito de depreciar o jornalismo, afirmando que se trata de um gênero menor dentro da literatura. Enquanto a literatura transpõe o real, o jornalismo acredita que traz a realidade em si. Afirma-se também que na literatura há o sentido de permanência, ao contrário do jornalismo, que se prende ao cotidiano; o jornal só dura até a manhã do dia seguinte, ao passo que o livro seria eterno e atemporal. O escritor cria para expressar os próprios pensamentos e visão de mundo, enquanto o jornalista exprime sentimentos e reivindicações coletivas. No processo jornalístico, a finalidade é mostrar com clareza o fato; já na literatura, a linguagem não é tão clara, o fato se esconde do leitor, que fica encarregado de decifrá-lo.

Por causa de uma convivência tão próxima, há uma forte discussão acerca das interferências que podem existir entre os gêneros. Para alguns escritores e jornalistas, o jornalismo foi uma escola para a literatura; outros já negam essa afirmação e garantem que o jornalismo corrompe os escritores. Há, ainda, alguns que não são tão radicais e defendem que jornalismo e literatura são atividades distintas, mas que se complementam e podem sempre caminhar lado a lado sem

uma eliminar a outra. Gabriel García Márquez é um dos jornalistas-escritores que mais defende a simbiose entre jornalismo e literatura. Segundo Medina (*apud* ABREU), “acima de tudo, a literatura ajuda o jornalismo a que este se torne mais humano”.

No início do século XX, João do Rio fez um questionário e mandou a dezenas de escritores para que respondessem à seguinte pergunta: “O jornalismo é um fator bom ou mau para a arte literária?”. As respostas (nem todos responderam) compõem o livro *O momento literário* e foram muito distintas; entravam em confronto ou concordância ou, ainda, eram complementares. Para o jornalista e poeta Olavo Bilac, por exemplo, o jornalismo é

[...] para todo o escritor brasileiro um grande bem. É mesmo o único meio do escritor se fazer ler. O meio de ação nos falharia absolutamente se não fosse o jornal – por que o livro ainda não é coisa que se compre no Brasil como necessidade. (BILAC *apud* BRITO, 2007, p. 149)

Silvio Romero, historiador e folclorista, compartilha da opinião de Bilac: “[...] o jornalismo tem sido o animador, o protetor, e, ainda mais, o criador da literatura brasileira há cerca de um século a esta parte” (ROMERO *apud* LAJOLO). Para Bilac, foi graças à sua geração que surgiu a profissão remunerada de escritor no Brasil. Antes, segundo o poeta, não havia “homens de letras” no país; o que havia eram estadistas, diplomatas, advogados, políticos etc. que temiam a reação da sociedade, pois não se “lhes perdoava a fraqueza moral revelada por essas rápidas e furtivas incursões nos domínios das letras” (BILAC *apud* LAJOLO). Bilac, Machado de Assis, Lima Barreto e outros contemporâneos seus transformaram o trabalho literário “naquilo que hoje é uma profissão, um culto, um sacerdócio [...] fizemos desse trabalho uma necessidade primordial da vida moral e da civilização da nossa terra; forçamos as portas dos jornais e vencemos a inépcia e o medo dos editores” (BILAC *apud* LAJOLO).

No entanto, a opinião de Bilac está longe de ser a que predominava entre escritores daquela época e outros mais atuais. Fernando Pessoa, por exemplo, considerava o jornalismo inferior à literatura: “O jornalismo é literatura, todavia é uma literatura que se dirige ao homem imediato e ao dia que passa, tem por isso a força da objetividade das ‘artes inferiores’” (CASTRO, 2002, p. 75). O escritor argentino Jorge Luis Borges chegou a afirmar que o jornalismo mancha a literatura; por isso, aconselhou aos escritores que evitassem o exercício jornalístico, embora ele mesmo não tenha conseguido evitá-lo: “De minha parte

[...] tenho sido jornalista durante bastante tempo, mais ou menos, e isso não contribuiu para melhorar o meu estilo nem meu modo de pensar. Pelo contrário, acho que foi ruim” (BORGES *apud* JORGE, 2002, p. 109). Já Coelho Neto, escritor maranhense, achava que o jornalismo era um servo da indústria, apenas interessado em explorar o talento dos escritores para depois, quando extraísse toda a capacidade criativa deste, jogá-lo no lixo como um objeto sem utilidade.

Eu? não trabalho em jornais. Considero a imprensa uma indústria intelectual. Entra a gente para o jornalismo com um bando de idéias originais e retalha-as para o varejo do dia-a-dia. [...] O jornalismo está para a Arte como um desses anjos bojudos de cemitérios estão para o Laocoonte. [...] [...] O redator não quer saber se temos ideias ou não; quer espremer. Quanto mais suco melhor. O prelo é a moenda e lá se vai o cérebro, aos bocados, para repasto do burguês imbecil e, no dia em que o grande industrial compreende que nada mais pode extrair do desgraçado que lhe caiu nas mãos sonhando com a glória literária, despede-o e lá vai o infeliz bagaço acabar esquecidamente, minado pela tuberculose. (COELHO NETO *apud* LAJOLO)

Coelho Neto aponta outra questão que envolve a rivalidade entre o ofício do jornalismo e o da literatura: o dinheiro. Graciliano Ramos, autor de *Vidas Secas*, escreveu um artigo intitulado “O fator econômico no romance brasileiro”, publicado em 1945. Nele, Graciliano diz que o escritor evita falar de questões econômicas por achar que o artista deve ser desinteressado e construir sua arte desinteressadamente. Segundo ele, o artista brasileiro vive uma espécie de dilema: “o da prostituta, que vende seu trabalho ao mercado (em geral do jornalismo e da publicidade, mas também do best-seller, com sorte, os dois), e o do poeta morto de fome (vítima de sua incapacidade para gerar uma renda mínima que lhe garanta a sobrevivência)” (COSTA, 2005, p. 16). O verdadeiro artista seria aquele que faz arte por ser apenas um artista, não por dinheiro. Ao se submeter à indústria, o artista transformar-se-ia em um “vendido”: aquele que está corrompendo sua arte e/ou foi corrompido pelo mercado.

De acordo com Cristiane Costa, não foi apenas o salário a contribuição que a imprensa deu para homens e mulheres das letras que se aventuraram nas redações de jornais desde o século XIX. Segundo a autora, por trabalharem com a mesma matéria-prima, ou seja, a palavra, o discurso dos dois gêneros se aproximou até se separar por apenas uma linha tênue. Aspectos da narrativa

jornalística foram incorporados à literária (e vice-versa), assim como temas recorrentes nas notícias jornalísticas se tornaram motes para compor textos literários. O jornalismo teria ensinado o escritor a “afiar suas armas, transcrever falas e dialetos, manipular ritmos, cortar palavras, dominar a língua, aproximar-se do coloquial, comunicar-se com o leitor” (COSTA, 2005, p. 17). Meneses (1997, p. 22) também assegura que o jornalismo ajudou o escritor a aprimorar seu estilo, “adquirindo um aperfeiçoamento artesanal traduzido na contenção, na sobriedade, no equilíbrio”.

Costa (2005), no livro *Pena de aluguel*, entrevistou 35 profissionais da imprensa com a mesma pergunta que João do Rio, há cem anos, fez a outros escritores e jornalistas: “O jornalismo, especialmente no Brasil, é um fator bom ou ruim para a arte literária?”. Segundo a pesquisa feita por Costa, o jornalismo beneficia o escritor por impor a ele a prática diária da escrita, a disciplina, o exercício da clareza e a ampliação de contato com o mundo. Mas desfavorece na medida em que o escritor se submete a longas jornadas de trabalho e a uma competitividade e estresse presentes na profissão.

Observamos que o jornalismo ajudou os escritores a buscar novas abordagens temáticas e construir uma linguagem mais clara e próxima ao leitor. Porém, alguns escritores que se aventuraram nas redações sugerem que o jornalismo pode vir a auxiliar, mas também prejudicar. Ernest Hemingway, um dos mais pródigos escritores do século XX, também exerceu o jornalismo e acreditava que as técnicas jornalísticas poderiam melhorar o estilo de um jovem que estivesse começando a dar seus primeiros passos nas letras. Em compensação, também aconselhou esse mesmo jovem a não ficar muito tempo na imprensa, porque o jornalismo pode ser traiçoeiro: serve para o escritor à medida que o ajuda a encontrar uma linguagem mais coloquial, tirar o excesso de adjetivação, escrever de forma clara e sem rebuscamentos; por outro lado, para Hemingway, o jornalismo, se exercido por muitos anos, pode podar a criatividade do escritor e o senso de liberdade que a literatura oferece, ou seja, a resistência em se libertar das técnicas jornalísticas pode prejudicar o texto e o estilo pessoal do autor (LOPES, 2006)

Samuel Buckley, diretor do *The Daily Courant* – segundo Abreu (2006), o primeiro jornal de que se tem notícia no mundo, tendo nascido em 1702, na Inglaterra –, foi quem introduziu o conceito de objetividade no jornalismo. Só assim, segundo o diretor, o jornal ganharia credibilidade perante o público leitor. A consciência ética, muito presente nos dias atuais, além de inibir jovens

jornalistas a utilizar técnicas literárias para aprimorar linguagem e texto, faz com que a preocupação em separar a realidade da ficção leve a reflexões cada vez maiores. “O pacto ético firmado pelo jornalismo com o público, cuja natureza está nessa busca pela verdade levou o jornalismo a trilhar o caminho de um discurso, diria, unívoco”, afirma Nicolato (2008). A problemática é que verdade e realidade talvez sejam inalcançáveis. O que é a verdade? O que é a realidade? Simplesmente não podemos definir, conceituar, medir, calcular e objetivizar uma realidade que está constantemente em processo de mudança.

As experiências do Novo Jornalismo

Durante os anos de 1960 e 1970, nos Estados Unidos, jornalistas como Tom Wolfe, Gay Talese, Truman Capote, Hunter Thompson e outros começaram a empregar técnicas literárias em seus textos. Eles pretendiam afastar a objetividade das páginas das revistas e dos jornais diários. Desse modo, surgiu um movimento denominado *New Journalism*, que fez história ao tentar resgatar o que se convencionou chamar de “jornalismo literário”. Esse gênero do jornalismo tentou buscar uma função estética para a atividade jornalística, mas não conseguiu consolidar sua narrativa e pôr em xeque o estilo objetivo dos textos, que ainda hoje vigora na grande imprensa. Muito desse fracasso se deve às críticas e desconfianças por parte de jornalistas que defendem a imprensa ortodoxa. Durante e após as experiências feitas pela turma do *New Journalism*, as críticas dos jornalistas se direcionavam para a acusação de que as reportagens eram de cunho ficcional. Foram várias as tentativas de rebaixar e descredibilizar o jornalismo feito por esses autores, que levaram às últimas consequências a aproximação entre jornalismo e literatura.

Gay Talese, em uma nota publicada no seu livro *Fama e Anonimato*, expõe a opinião de críticos como Dwight MacDonald, que classificou o movimento de “parajornalismo”. Desconfiado da forma com que os fatos estavam sendo tratados por esses “novos jornalistas”, MacDonald afirmou que os adeptos do *New Journalism* comprometiam os fatos devido ao interesse de uma narrativa mais dramática. Talese, logo em seguida, afirmou que as suas reportagens, assim como as de seus colegas, podem ser lidas como ficção, mas, segundo ele, não seriam. Para Talese, suas reportagens e perfis carregariam uma verdade mais ampla. O que Talese queria dizer é que citações diretas das fontes, texto conciso, claro e objetivo não garantem a veracidade da matéria. O jornalismo sempre fará um recorte da realidade, portanto, o “efeito do real”, “mito da transparência” e

“império dos fatos” não passam de pedantismo para continuar o pacto ético e de credibilidade junto ao público.

Talese admite, nessa mesma nota, que escreve do ponto de vista de quem está focalizando, revelando sempre que possível o que os indivíduos pensam. Em *Ouvindo as Musas*, Truman Capote se vale do mesmo recurso empregado por Talese. Além de ter atribuído pensamentos e atitudes aos personagens da companhia de teatro estadunidense que acompanhou a União Soviética, o repórter forjou cenas e criou diálogos, o que fez muita gente reclamar na época e afirmar que Capote foi mais ficcionista que jornalista.

Essas “reportagens psicológicas” que Talese, Capote e Wolfe utilizavam em suas histórias geraram muitas polêmicas. Em sua defesa, Capote disse que mesmo matérias baseadas em “‘realizou-se ontem’ e ‘fulano disse’, enfrentam reações iradas das fontes” e, segundo ele, não tem sequer o “álibi da linguagem aprimorada” das suas reportagens (INSTITUTO GUTEMBERG, 2000). Apesar de os “novos jornalistas” afirmarem que tomavam certas liberdades com a ficção, mas sempre respeitando os fatos, repórteres tradicionais, como Haynes Johnson, em entrevista para H. Eugene Goodwin, diziam que a turma do *New Journalism* estava exercendo o papel de Deus:

Quando Tom Wolfe e as pessoas que se intitulam elas próprias de Novos Jornalistas inventam personagens e nos dizem o que as pessoas pensam porque falaram com muitas delas, bem, eles estão fazendo o papel de Deus... Ninguém pode inventar citações e personagens e dizer que isso é jornalismo. É uma coisa diferente e deveria ser catalogada diferentemente. (JOHNSON *apud* NOVO JORNALISMO, 2000)

Para Carlos Morales (*apud* ABREU, 2006), o *New Journalism* é um gênero literário, e não jornalístico: “É mais inventivo que descritivo e Wolfe o considera um sucedâneo da novela, não da notícia”. Em entrevista concedida para Allan de Abreu, o jornalista Daniel Piza disse que o movimento realizou experiências interessantes, mas “se excedeu em literatices”. Morales e Piza esquecem que Wolfe, Talese, Capote, Thompson e outros não faziam notícia, e sim reportagem. Esta permite a aplicação de linguagem literária ao texto jornalístico. Abreu (2006) diz que a reportagem dá grande liberdade de experimentações, podendo narrar os fatos como um conto ou até mesmo um romance. “Enquanto a notícia registra o aqui, o já, a reportagem interpretativa determina um sentido desse aqui num círculo mais amplo, reconstitui o já no

antes e no depois, deixa os limites do acontecer para um estar acontecendo atemporal ou menos presente.” (MEDINA e LEANDRO *apud* ABREU, 2006). Segundo Medina (*apud* ABREU, 2006), o jornalista “só se diferencia do escritor de ficção pelo conteúdo informativo (realidade e não revelação ou transformação da realidade como na arte) de sua narração”. É o que Sodré e Ferrari (1986) também vão dizer. A reportagem é uma narrativa literária, mas, devido ao seu conteúdo e função informacional, não é literatura.

De acordo com Abreu (2006), Wolfe e os outros aproximaram até o limite as confluências entre jornalismo e literatura; utilizaram recursos como o narrador onisciente ou o personagem síntese, que, para Abreu, apenas a literatura ficcional comportaria. Portanto, são elementos não condizentes com a realidade e, por isso, não poderiam ser considerados jornalísticos.

Considerações finais

A Revolução Industrial modificou não apenas o modo como as pessoas passaram a viver e produzir mercadorias; a imprensa também foi influenciada pelas transformações que o sistema capitalista trouxe consigo. Exigiu-se que os jornais deveriam sair diariamente. Os literatos, com suas “literatices”, eram desnecessários, pois era necessário agilizar o processo de feitura das notícias. Parece que, finalmente, o jornalismo poderia responder à temida pergunta: “Que sou eu?”. Afastou-se da literatura e ganhou contornos próprios. Contudo, o jornalismo impresso sofreu grandes golpes ao longo dos anos com o surgimento de outras mídias que foram conquistando o público leitor que comprava (e consumia) suas páginas diariamente. Os diários estavam à beira de um colapso. A solução? Reformularam técnicas, sobretudo o estilo, para resgatar sua origem literária e reconquistar os leitores perdidos para os sons dos rádios, as imagens televisivas e, mais recentemente, para a internet, que abriga a convergência de todas essas funcionalidades.

Dessa maneira se dá o relacionamento entre jornalismo e literatura. Quando um está precisando, o outro socorre. Ainda nos dias de hoje podemos observar que o jornalismo impresso está constantemente sofrendo o risco da extinção, tendo seu estilo e características contestadas. Concluímos que o “espírito científico” preconizado nas redações não vingou. Só os jornalistas não percebem? Ricardo Noblat, em *A arte de fazer um jornal diário*, decreta a falência do modelo e o desaparecimento futuro dos impressos. É certo que o jornalismo literário, ou narrativo, traz um diferencial que nenhum outro meio de comunicação é capaz de ter.

É preciso levar em conta também que nas escolas de comunicação e nas empresas jornalísticas fala-se muito em ética profissional. Para muitos jornalistas, a objetividade, a isenção, a imparcialidade e tantos outros pressupostos da atividade são considerados necessários para a garantia dessa ética. Tal como pudemos perceber ao longo das pesquisas teóricas, é falsa a afirmação de que esses mesmos pressupostos garantem a verdade transparente e absoluta, que parece ser a promessa básica da atividade. Por isso, é preciso que a imprensa despreze essa falsa retórica e assuma a parcialidade e a subjetividade do comunicador. É ético assumi-lo.

As empresas de comunicação, preocupadas apenas com lucros, não investem maciçamente num gênero que, além de seduzir o leitor, estima-o. Sem falar que o jornalista verdadeiramente jornalista sempre será um apreciador das palavras, das belas construções textuais e do uso aprimorado da linguagem. Portanto, é preciso abolir das redações o tal “espírito científico”, fugir das narrativas objetivas, frias e monótonas que podemos constatar todos os dias nos jornais diários. Em vez disso, os jornalistas devem apostar na convivência pacífica, harmoniosa e fértil entre literatura e jornalismo, que pode ser a solução para a permanência dos jornais impressos. Os leitores querem cada vez mais a garantia de boas informações, aprofundadas, interpretadas e analisadas; fatores que os meios de comunicação imediatistas não podem oferecer.

O jornal, assim como a revista, deve ser aquele que irá complementar aquilo que já foi passado de maneira rápida e superficial pelo rádio, pela televisão e pela internet. Entendemos que o aparecimento desses novos veículos não causará a extinção do jornal impresso se seus donos compreenderem que é uma oportunidade para aperfeiçoamento e renovação. Exemplos de ruptura de fronteiras entre a literatura e a retórica do jornalismo são as reportagens, crônicas, perfis, comentários, entrevistas, artigos e ensaios, que se tornaram os trunfos para a sobrevivência dos jornais, por representarem a fecundidade criativa do jornalismo, alicerçada por técnicas literárias.

Referências

ABREU, Allan de. *New journalism: a experiência literária no jornalismo*. Disponível em: < <http://criticaecompanhia.com/allan.htm> >. Acesso em: 10 abr. 2011.

_____. *Da literatura para o jornalismo*. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=391DAC001>> Acesso em: 23 de abr. 2011.

BRITO, José Domingos de (Org.). *Literatura e jornalismo*. São Paulo: Novera, 2007. v.3.

CASTELLO, José. A arte de escrever uma biografia. *Revista EntreLivros*. São Paulo, n. 11, p. 46-49.

CASTRO, Gustavo de. A palavra compartilhada. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (Org.). *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras, 2002, p. 71-83.

COSTA, Cristiane. Literatura vs. Jornalismo no Brasil. *Revista EntreLivros*, São Paulo, n. 11, p. 16-23. 2006.

_____. *Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil 1904-2004*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

DAMÁZIO, Reynaldo. Entre o imediato e a transcendência. *Revista EntreLivros*, São Paulo, n. 11, p. 8-11. 2006.

FREITAS, Helena de Sousa. *Jornalismo e literatura: inimigos ou amantes?* Disponível em: <<http://www.jornalismo-literatura.com/livro/default.html>> Acesso em: 15 abr. 2011.

GRANJA, Lúcia. Míope, cabeçudo e prosaico? Machado jornalista. *Revista EntreLivros*, São Paulo, n.11, p. 24-31. 2006.

HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. *O jornalismo mágico de Gabriel García Márquez*. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2080>> Acesso em: 8 abr. 2011.

INSTITUTO GUTEMBERG. *Novo Jornalismo*. n. 20, jan./fev. 1998. Disponível em: <<http://www.igutemberg.org/newjorna.html>>. Acessado em: 16 abr. 2011.

JORGE, Franklin. Os escritores e o jornalismo. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (Orgs.). *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras, 2002, p. 109-113.

LAJOLO, Marisa. *Jornalistas e escritores: a cordialidade da diferença*. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/marisa.html>>. Acesso em: 11 abr. 2011.

LIMA, Alceu Amoroso. *O jornalismo como gênero literário*. São Paulo: Com-Arte: EDUSP, 1990.

LÍSIAS, Ricardo. Um artista engajado. *Revista Caderno EntreLivros*, São Paulo, n. 4, p. 48-49. 2005.

LOPES, Jonas. Hemingway e a invenção do autor em ação. *Revista EntreLivros*, São Paulo, n.11, p. 32-35. 2006.

MEDEL, Manuel A. V. Discurso literário e discurso jornalístico: convergências e divergências. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (Orgs.). *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras, 2002, p. 15-28.

MENEZES, Fagundes de. *Jornalismo e literatura*. Rio de Janeiro: Razão Cultural, 1997.

NECCHI, Vitor. *A (im) pertinência da denominação “jornalismo literário”*. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0527-1.pdf> > Acesso em: 9 maio 2011.

NICOLATO, Roberto. *Jornalismo e literatura: aproximações e fronteiras*. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1028-1.pdf> > Acesso em: 2 maio 2014.

PENA, Felipe. *Jornalismo literário*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

SATO, Nanami. Jornalismo, literatura e representação. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (Orgs.). *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras, 2002, p. 29-46.

SILVA, Juremir Machado da. O que escrever quer calar? Literatura e jornalismo. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (Orgs.). *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras, 2002, p. 47-52.

SODRÉ, Muniz e FERRARI, Maria Helena. *Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística*. São Paulo: Summus, 1986.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

TALESE, Gay. *Fama e anonimato*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Data da submissão: 15/02/15

Data do aceite: 13/04/15